



palavra bordada

VOL. II



MUSEU DA REPÚBLICA

palavra bordada

MUSEU DA REPÚBLICA

Rio de Janeiro • 2024

M986p

Museu da República (Brasil)

Palavra bordada, v. II [recurso eletrônico] / Museu da República, organização Christine Ferreira Azzi. – Rio de Janeiro : Museu da República, 2024.

Dados eletrônicos (1 arquivo : 22mb : il.)

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: <http://museudarepublica.museus.gov.br>

Título da página da Web (acesso em 12 novembro 2024).

Trata da ação educativa intitulada Palavra Bordada, realizada entre 2023 e 2024 no Museu da República e no Museu Casa de Benjamin Constant, ambos no Rio de Janeiro.

A publicação apresenta os trabalhos das participantes da atividade, com imagens e textos sobre seus processos de criação.

ISBN 978-85-85732455

1. Museus - Aspectos Educacionais 2. Arte na educação 3. Arte - Técnica 4. Tecelagem manual 5. Bordado I. Azzi, Christine Ferreira, org. II. Título.

CDD 069



*É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia
E fosse aparecendo aos poucos nosso amor
Os nossos sentimentos loucos, nosso amor
O zig-zag do tormento, as cores da alegria
A curva generosa da compreensão
Formando a pétala da rosa, da paixão
A sua vida o meu caminho, nosso amor
Você a linha e eu o linho, nosso amor
Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado
A casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza*

Gilberto Gil

Bordando a vida com os fios da memória e da poesia: só o bordado salva

I

Aprendi a apreciar bordados observando minha tia-madrinha bordar. Tia Arlete realizava bordados complexos para enxovais de bebês e de noivas e também para o dia-a-dia das pessoas e das nossas casas, bordando sóis, aves, árvores e gestos e símbolos amorosos. Além de bordar minha tia tinha habilidades na costura e fazia desde fantasias de carnaval para o Grêmio Recreativo Escola de Samba Em Cima da Hora até vestidos de noivas, passando por batas de batizado e vestidos de gala, com grande complexidade de fatura. A mesma habilidade que tinha para a costura e para o bordado, apresentava para a confecção de bolos e doces. Era uma delícia acompanhá-la na arte da confeitaria de bolos de aniversários e, especialmente, de bolos de noiva, com coretos, pontes, caramanchões e lagos e aves e muitos formatos e andares e patamares e bonequinhos e coisas curiosas.

Na adolescência pedi a minha tia que me ensinasse alguns pontos simples de bordado (e a experiência foi boa), pois eu queria bordar minhas próprias calças e camisas e impressionar os amigos e amigas, bichos-grilos adolescentes.

Nos últimos tempos venho reelaborando gradualmente o meu desejo de voltar a bordar alguma coisa, já fiz planos de bordar poemas com cabelos, mas ainda não aconteceu. Cada vez mais dou mais atenção aos bordados. Na Teia da Memória, realizada em Vila Velha, no Espírito Santo, em 2017, ocasião em que foi criada a Rede Capixaba de Museologia Social, conheci um notável grupo de bordadeiras; em 2019, no interior de São Paulo, na cidade de Itu, no Museu Republicano, conheci um projeto de Oficinas de Bordados no Museu, fiquei encantado.

Quando Christine Azzi chegou ao Museu da República e me falou do seu interesse no bordado, avancei com a proposta de realizarmos um Congresso Nacional de Bordados. A proposta ainda não se materializou, mas está a caminho, já temos um primeiro desenho para um possível Seminário denominado Museus, Bordados e Memórias.

II

Em 2020, durante a pandemia, Christine Azzi me apresentou a proposta do “Palavra Bordada”, fiquei entusiasmado e coloquei toda a energia para que o projeto acontecesse. A pegada poética era visível, além de ser muito delicada e forte. Apoiei com firmeza o projeto que foi conduzido por Christine com sensibilidade. Passei a ser um divulgador do projeto e dele falei bem aos quatro ventos.

Nunca foi nosso desejo tratar deste projeto em grande escala, ele foi pensado e planejado para acontecer com grupos de até 20 ou 25 pessoas. Resultado: sua primeira edição foi um sucesso total; o projeto reuniu mulheres que queriam bordar e transbordar suas vidas. O projeto e o processo foram registrados em uma publicação carinhosamente feita pelo Museu da República.

Pessoalmente, fiquei mobilizado para participar da primeira edição, eu queria vivenciar as dinâmicas do Palavra Bordada, mas quando pedi a Christine que me apresentasse o perfil das pessoas inscritas, eu pude ver que eram mulheres de diferentes faixas etárias, de diferentes cidades do Brasil e até mesmo de fora do Brasil, compreendi que aquele não era o meu lugar. Era preciso que as mulheres pudessem se encontrar com liberdade sem a presença de um homem, ainda que minha mulher interna desejasse participar, ela mesma me disse para deixar a dinâmica do Palavra Bordada acontecer com liberdade.

A experiência do Palavra Bordada levou o Museu da República a realizar em maio de 2021, durante a 19ª Semana Nacional de Museus, o projeto Fio Decolonial, inteiramente inspirado no Palavra Bordada, mas com uma abordagem mais política e artístico-conceitual, a chamada para as inscrições dizia o seguinte:

“Quais são as origens e os simbolismos da arte têxtil na América Latina? Pode-se dizer que,

de modo geral, as artes têxteis e sobretudo o bordado faziam parte da educação das mulheres, voltada para o ambiente doméstico. No entanto, em países como México, Guatemala e Peru, o bordado também está presente na tradição da arte popular feita por mulheres. No Chile, as arpilleras foram símbolo de expressão e união. No Brasil, sincretizamos todos esses elementos para fazer do bordado uma arte tradicional e contemporânea. Que fio nos une com os demais países latinos?

Assim, através das obras e das trajetórias de artistas e educadoras como Nísia Floresta, Frida Kahlo, Violeta Parra, Doris Salcedo e Rosana Paulino, o Projeto Fio Decolonial propõe discutir as referências latinas em torno do bordado como linguagem na Arte, na Cultura Popular e em diversos meios de expressão, costurando as narrativas que nos unem.

O projeto é composto de encontros semanais ONLINE e, como exercício final, uma prática orientada para criação de um bordado a partir dos temas abordados”.

É interessante observar que tanto o Palavra Bordada, quanto o Fio Decolonial contribuíram para o surgimento de outros projetos, alguns aparentemente oportunistas, copiavam sem sequer citar a fonte os mesmos padrões conceituais e, em certos casos, copiavam, com ligeiras alterações, sem pudor e sem citar, as imagens produzidas para divulgar os projetos.

Desde a primeira edição do Palavra Bordada venho pedindo a Christine Azzi uma segunda edição, assim como já penso que devemos ter uma terceira edição e, quem sabe, uma segunda edição do Fio Decolonial. Em 2023 ela me apresentou o projeto da segunda edição do Palavra Bordada. O projeto foi acolhido de imediato, sem restrições; mais uma vez o projeto foi um sucesso, sempre em pequena escala, mas agora com a parceria animadora do Museu Casa de Benjamim Constant.

III

O presente livro, suave em sua fatura, assim como o projeto, registra a segunda edição do Palavra Bordada, com bordados de quinze mulheres e textos que contextualizam, pelo menos em parte, os seus próprios bordados.

Para bem dialogar com os bordados e os textos das mulheres que bordam resol-

vi nesta apresentação, conversar com alguns fragmentos de seus textos e de seus bordados, sem nenhuma preocupação com a ordem de entrada dos bordados e textos do livro e sem nenhuma pretensão de explicar o inexplicável. A rigor, o que queremos é conversar e, eventualmente, amplificar algumas vozes que bordam e transbordam.

IV

Bordar e transbordar não são atividades ingênuas, ao contrário. A ação de bordar assemelha-se, em certos casos, a um modo de tomar consciência de si. Talvez, por isso, Alzira Salles, tenha sido tão afirmativa e tenha dito: “Não sei SER sem bordar”; talvez, pelo mesmo motivo, Maria Christina, celebrando a potência do projeto e reconhecendo que ele superou as suas expectativas, tenha dito: “Por isso estou PLENA”.

Edilamar Knipeel parece querer alimentar a conexão entre o visível e o invisível, ela indica que conhece o poder que articula mundos diferentes, ela parece conhecer janelas e portas; ela também tem receitas: “É melhor ter menos trovões na boca e mais raios nas mãos”. Edilamar não deixa dúvidas; ela é uma mulher que conversa com o axé, conversa com Yemanjá, com Xangô e Oyá. Em seu texto ela diz: “A agulha fere o tecido e de ponto em ponto segue fazendo arte (...)”. Fazer arte, nessa perspectiva, implica em ter coragem de ferir o tecido, de não ter medo de ser diferente, de ter a coragem de ser quem se é.

“Bordar a palavra ENTRECORTANTE me deu coragem e ânimo para ser de novo ENTRECORTANTE”. Aqui está a coragem de ser, a coragem de bordar a si mesma e de assumir-se como “entrecortante”, como alguma coisa que corta e corta de novo de modo atravessado ou de modo cruzado. Estamos falando de Elizabeth Corrêa que compreende o entrecortante como “ousar, criar, experimentar, viver o novo”. Não ousou dizer mais nada.

Há um diálogo entre “a agulha que fere o tecido”, registrada no fragmento anterior e “a agulha e a linha” que na mochila “aguardavam pelo movimento, pela partida”. O texto de Graça Ohana Pinto nos informa a respeito da potência da agulha que, mesmo em descanso, fala. Célia Maria Lira Jannuzzi também participa

desta conversa quando refletindo sobre o Caos e o Tempo reconhece que eles são ofertas do bordado e reconhece também que a “linha na agulha ganhou vida e forma no tecido, produzindo imagens cheias de significados, entrelaçadas de histórias (...)”.

Aqui se impõe o diálogo com o poema de Gilberto Gil citado como epígrafe. No poema musicado Gilberto Gil fala da linha (levada pela agulha) e do linho e constrói a partir dessa relação uma narrativa amorosa e chega ao ponto de compreender que a “agulha do real nas mãos da fantasia”, vai “bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia” e vai nos dando a ver, aos poucos, o “nosso amor”.

A coragem de ser e de olhar a si mesma como uma força singular está presente nos textos de Roselene Scop que diz: “Hoje eu escolho me ver de frente, reconhecendo com coragem minhas verdadeiras potências e habilidades” e de Cristiane Corrêa para quem a mulher é aquela que “gera frutos e pode parir o que quiser e ser feliz como quiser”.

V

A potência do projeto Palavra Bordada revela-se, por exemplo, na afirmação de Mariana Castel Branco que diz: “Repensar a minha trajetória e perceber que posso construir um novo caminho é assustador e libertador”. Aqui estamos diante de um susto libertário, de um susto criativo, de um susto que é também uma iluminação. Mas, mas para que o assustador se transforme em liberdade, é preciso um trabalho dedicado, é preciso “persistência e resiliência”, é preciso “continuar a nadar”.

Bordar também pode ajudar a compreender que muitas vezes o que transborda não é bom, o transbordamento pode ser uma excedência negativa. Nesse caso, é preciso “limpar, enxugar, retirar, cortar, apagar tudo aquilo que transborda, que excede, e me impede de SEGUIR”. Essas são as palavras da antropóloga Telma Carmargo que além de bordar grafismos Karajá, investiu na ideia de DESAPEGAR. Ao que tudo indica, a ideia de desapego parece conversar com as reflexões de Janine Lyrio que, entre outras coisas, diz: “Agora, viver com intensidade é a única certeza que temos”.

VI

As duas edições do Palavra Bordada, assim como a primeira edição do Fio Decolonial, reuniram mulheres diferentes e diferenciadas. Mulheres de lugares diferentes, de faixas etárias diferentes, com formações diferentes e experiências de vida bastante diferentes. As diferenças entre elas, ao que tudo indica, não foi motivo para a produção de cizânia. Ao contrário, foi possível observar a construção de uma sororidade específica.

Adélia Duarte, por exemplo, em certa altura de seu texto-depoimento diz de modo delicado: “o que mais me emocionou nos encontros foi estarmos juntas!” E logo adiante, no mesmo texto, arremata: “É isso, é hora de: PARIR-ME!!”.

O depoimento de Leila Natal Miguel segue na mesma direção, para ela foi “uma conquista de crescimento interior”, reunir-se “com mulheres que não conhecia e poder ouvir depoimentos lindos”, depoimentos que a “levaram a questionamentos e consolos”. Para Leila Natal estas mulheres “se tornaram companheiras dessa roda que formou um manto de palavras que nos expressam no cotidiano de nossas vidas!”

VII

A canção A Linha e o linho, de Gilberto Gil, nos fala de um amor bordado com delicadezas. De acordo com o poeta: “É a sua vida que eu quero bordar na minha/ Como se eu fosse o pano e você fosse a linha”.

Em boa medida, as mulheres participantes do Palavra Bordada foram desafiadas a bordar, rebordar e transbordar as suas próprias vidas e ora elas eram o pano, ora elas eram a agulha e a linha.

As mulheres do Palavra Bordada trabalharam sempre com a “agulha do real”, mas suas mãos construía realidades e fantasias e iam “bordando ponto a ponto” outros tantos dias. E nesse processo, aos poucos, elas mesmas foram descobrindo o amor, o nosso amor e outros amores. É nesta senda que se destaca o texto de Idália

Machado, que diz: “A cor do nosso amor, da criação de nossas asas, só cada uma de nós é que sabe o tom que essa dor ou sorriso tem”.

VIII

Os projetos Palavra Bordada e Fio Decolonial merecem atenção e continuidade e desdobramentos. A presente publicação quer ser um estímulo a novos projetos, quer ser inspiração para outras e tantas ações inovadoras.

Palavra Bordada e Fio Decolonial nasceram sem grandes pretensões, talvez esteja na hora de avaliarmos uma ampliação de escala, ou pelo menos, uma socialização ampla da metodologia de trabalho, penso que será por meio da socialização da metodologia que poderemos ampliar a escala do projeto.

Para finalizar gostaríamos de citar um fragmento do texto de Sara Zacarias, incluído neste livro: “A sensação que tive foi que tudo abaixo do sol é tão fugaz, mas não como uma constatação desoladora, mas como o entendimento que há tanta beleza no viver a ser vivida”

É isso. A Museologia que não serve para a vida, não serve para nada. O Museu que não serve para a vida, não serve para nada.

Mario Chagas

*Poeta, museólogo, pesquisador
e diretor do Museu da
República entre 2018 e 2024.*

Bordando numa casa cheia de memórias femininas

Foi observando a vista da cidade ao lado do caramanchão de uma ampla casa no alto do morro de Santa Teresa que Benjamin Constant, segundo relatos, teria dito “Fico com ela”. O ano era 1890, logo após o militar e professor de matemática ter se destacado no movimento que deu fim à Monarquia e decidido se mudar com a família para Santa Teresa.

Pai de cinco filhas, Benjamin desfrutou pouco da casa de chácara com amplo jardim e árvores frutíferas. Mesmo falecendo um ano depois, a casa continuaria com a família Botelho de Magalhães até 1960, ano do falecimento de sua filha mais nova. A partir de então deu-se início ao processo de transformação da casa de memórias familiares em um museu para perpetuar o ambiente familiar do Fundador da República.

E foi nesta mesma casa cheia de memórias femininas, fechada por mais de seis anos para realização de obras de restauração e modernização, que tivemos a grata satisfação de receber a 2ª edição do Projeto Palavra Bordada, em parceria com o Museu da República.

Em meio aos preparativos finais para reabertura do Museu ao público em 18 de novembro de 2023, abrigamos no Salão da Sede Administrativa, também conhecida como Casa de Bernardina, dois encontros do Projeto.

Bernardina, foi a quarta filha de Benjamin e Maria Joaquina e ao se casar residiu com seu marido e filhos na casa anexa. Como a maioria das jovens mulheres da época, tinha a costura e o bordado não apenas como prática, mas como forma de demonstração de afeto aos seus entes queridos.

Além de ser filha de um dos articuladores do movimento republica-

no, ela, suas irmãs e sua mãe teriam bordado os primeiros exemplares da bandeira republicana, como foi relatado em seu diário, em 25 de novembro de 1889: “De noite, mamãe foi comigo e Alcida à casa do dr. Veiga, para pedir à d. Marianinha o grande obséquo de nos guiar e ensinar a fazer duas bandeiras para oferecermos, em nome de todas as filhas, uma à Escola Superior e outra à Escola Militar...”

Em 2023, nos encontros do Projeto, observando o grupo de mulheres reunidas no salão principal da Casa de Bernardina, conduzidas pela sensível mediação de Christine Azzi e estimuladas a conversar e tecer suas memórias, penso na potência feminina que decide usar a agulha e a linha para bordar o curso da vida.

Elaine Carrilho

*Museóloga, Diretora do Museu Casa
de Benjamin Constant*

Introdução

Não cortaremos os pulsos, ao contrário, costuraremos com linha dupla todas as feridas abertas.

Lygia Fagundes Telles

O Projeto Palavra Bordada nasceu em 2020, em pleno período de isolamento social. Tratava-se, à época, de uma ação educativa realizada pelo Museu da República com o objetivo de convocar as pessoas a se reunirem e se conectarem pelos fios da rede sem fio e das linhas dos bordados. Foi um projeto arriscado, com muitos desafios para dar certo; e, no entanto, ele extrapolou nossas expectativas.

A atividade foi realizada totalmente à distância e online, com pessoas que nunca haviam se encontrado ou se conhecido, num momento de incertezas, medos e lutos. A rede formada, com todas as suas simbologias, buscou amenizar dores e solidão de mulheres das mais diversas idades e regiões do país.

O resultado e os processos dessa edição acabaram virando um livro, que pode ser visto no [site](#) oficial do Museu da República.

Já em 2023, manteve-se a premissa e a proposta de sua primeira edição: uma ação educativa que tem como objetivo conceber um grupo cujas participantes se encontrariam para a criação de um bordado a partir da palavra ou expressão que mais representasse o momento. O formato, porém, foi totalmente modificado: em contraponto ao distan-



Flyers virtuais das edições de 2020 e 2023/24

ciamento social e ao isolamento das mulheres que participaram anos antes, agora foi nos permitida a proximidade, o toque, o afeto, as conversas, os risos e os embaraços entre fios e linhas. A tão aguardada roda de bordado, em sua potência de vida e de verbo, foi também espaço de partilha e de intimidades entre uma nova rede de apoio que se formava espontaneamente, como ocorre quando mulheres se reúnem e tecem, sejam palavras ou fios. Além disso, a parceria entre Museu da República e Museu Casa de Benjamin Constant foi fundamental para materializar a narrativa histórica e a memória (com)partilhadas entre essas duas instituições públicas de grande envergadura para a história da República brasileira.

Assim, a nova tessitura tomou forma, a partir de sua antecedente, unindo pontos que, até então, não haviam se encontrado ainda. Algumas das participantes da primeira edição enviaram seus bordados, que se juntaram aos novos projetos; de repente, territórios eram atravessados e alinhavados por novos tempos, legitimando os museus como espaços de memórias coletivas e acolhimento cultural. E Penélope continua tecendo...

Christine Azzi

Pesquisadora do Museu da República

Ressignificar o passado, significar o presente. Essa foi a minha frase escolhida para o bordado que realizei. Assim como a maioria das mulheres durante grande parte da história da humanidade, a minha identidade e meus desejos enquanto pessoa foram sendo apagados e menosprezados por instrumentos e processos inerentes à nossa sociedade patriarcal. Repensar a minha trajetória e perceber que posso construir um novo caminho é assustador e libertador. E demanda persistência e resiliência. Assim, as palavras bordadas podem ser um lembrete diário para continuar a nadar.

Mariana Castel Branco

RESSIGNIFICAR O PASSADO, SIGNIFICAR O PRESENTE

O RES S
O SIG RA S
O SIG NIFICAR
PROFICADO CAR
RESENTE



Maria G

Uma trama tecida com palavras, imagens e memórias alinhava uma trajetória da vida. A minha história, costurada pelo transitar entre corpos, lugares, costuras, culturas e memórias, foi forjada pelo ofício de antropóloga, pelas escolhas feitas, pelos repertórios adquiridos. Enfim, pela minha trajetória de mulher branca, mãe, latina, intelectual, classe média que chega aos 70 anos. A escolha do grafismo Karajá e as palavras bordadas entre linhas, uma referência a Arthur Bispo do Rosario, condensam este percurso. Mas, no momento, necessito limpar, enxugar, retirar, cortar, apagar tudo aquilo que transborda, que excede, e me impede de SEGUIR. Assim, a palavra central bordada nesse encontro de teia construída em conjunto é: DESAPEGAR.

Telma Camargo

DESAPEGAR

CORPOS
LUGARES
COSTURAS
CULTURAS
MEMÓRIAS

DESAR



O que bordar? Onde buscar a palavra em meio aos meus segredos, mistérios? Voltei para um momento da vida que me trouxe felicidade e encontro com a arte. Bordar a palavra ENTRECORTANTE me deu coragem e ânimo para ser de novo ENTRECORTANTE. Ousar, criar, experimentar, viver o novo. Agradecida a este encontro de almas, Abençoada por Dionísio, Evoé.

Elizabeth Corrêa

ENTRECORTANTE

EN

ERT



COOK
TATA

NT

E

BETH
COPCA

“**A** linha da vida”, título do meu bordado, é uma criação que surge do bordado em diálogo com a xilogravura. Diálogo este que fala sobre uma tentativa tola do homem de tentar preservar um tempo que passa levando com ele tudo e todos, mas também fala da beleza da passagem, daquilo que é efêmero e está em eterna transição.

Algo que me tocou durante o curso é a ideia do quão passageiro é o tempo em que estamos. Estou em um momento de transição; nesse ano findo minha graduação e, junto com esse fim, muitas dúvidas e incertezas acerca do futuro vem pairando em minha mente, às vezes como sussurros, outras vezes como trovões. Lembro no primeiro encontro de ter uma sensação de paz ao ouvir mulheres em momentos da vida distintos dos meus, mas de formas diferentes todas seguiram e seguem seus caminhos. A sensação que tive foi que tudo abaixo do sol é tão fugaz, mas não como uma constatação desoladora, mas como o entendimento que há tanta beleza no viver a ser vivida. Pois as dúvidas e incertezas hão de passar e, no fim, são elas que apontam para uma existência eterna, ainda que no momento do término me pareçam tão grandiosas.

Sara Zacarias

AQUI EU ESTIVE (A LINHA DA VIDA)

AQUI EU ESTIVE AQUI EU ESTIVE

EU ESTIVE AQUI EU ESTIVE AQUI

AQUI EU ESTIVE AQUI EU ESTIVE

EU ESTIVE AQUI EU ESTIVE AQUI

AQUI EU ESTIVE AQUI EU ESTIVE

EU ESTIVE AQUI EU ESTIVE AQUI

AQUI EU ESTIVE AQUI EU ESTIVE

EU ESTIVE AQUI EU ESTIVE AQUI

AQUI EU ESTIVE AQUI EU ESTIVE

SARA ZACARIAS

Desde o início achei difícil o objetivo do projeto. Bordar uma palavra que me defina depois de três encontros teóricos. Pra mim é impossível. Preciso de planejamento. Estudar a palavra, fazer a arte, colocar no pano, escolher o ponto...as cores então nem se fala...impossível. Já entrei no projeto profundamente ansiosa

Escolher a palavra tendo como fundo de pensamento a existência feminina foi fácil mas, as cores...elas falam muito, dizem tudo o que somos. Montei a arte, passei para o pano e comecei a experimentar as cores, até que alguém no grupo falou que as medidas do tecido seriam 20 x 20cm ou 30 x 30cm. Já havia bordado 3 palavras. Elas mediam exatos 20 x 20cm. Tive que dar como finalizado o trabalho.

Ah! Antes que esqueça. A minha palavra? É METAMORFOSE. Porque o feminino, se me permite um trocadilho, está sempre na META de um novo MORFOS por causa do AMOR. Amor vermelho, a paixão que queima. Amor rosa, o romântico idílio. Amor verde, que liberta. E ainda tem aquele outro tipo de amor que escraviza. A cor do nosso amor, da criação de nossas asas, só cada uma de nós é que sabe o tom que essa dor ou sorriso tem.

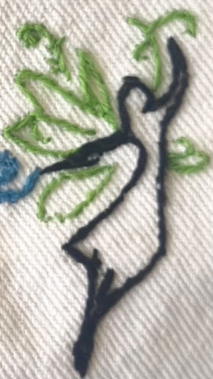
Idalia Machado

METAMORFOSE

Metamorphose



Metamorphose



Metamorphose



Idylle

O anúncio dizia: “Palavra bordada, encontros nos museus”! Parecia conto de fadas! O tão esperado dia chegou e, ainda tímida, cheguei em uma roda, no salão especial onde pisos e paredes enfeitavam as nossas presenças. Cada dia uma vontade mais forte de estar junto das de força e fibra. O encantamento aconteceu por conhecer fantásticas mulheres. Um universo de possibilidades que em cada tarde uma afinidade nova era alinhada, junto com seus depoimentos e suas vivências. Meu processo veio pelas lágrimas emocionadas de ver partir o meu amor de 4 patas. Agora, viver com intensidade é a única certeza que temos. As linhas no bastidor foram confortantes para esse momento. O amor de um cão é o mais puro e sincero que um ser humano pode receber.

Gratidão à fada madrinha Christine, pelo acolhimento, pelas fotos, pelo conhecimento e pelo amor.

Janine Lyrio

AGORA - VIVA - INTENSIDADE

AGOSTO
1877
MILITARIA
DEPARTAMENTO

J. J. J. J.

Mais do que as informações, imagens, pdfs, vídeos, debates e livros sobre as milhares de possibilidades, na história do Brasil ou no mundo, ou nas inúmeras histórias sobre as muitas criações femininas, amplamente pesquisadas e apresentadas generosamente pela Christine (e equipe organizadora - gratidão!), o que mais me emocionou nos encontros foi estarmos juntas! Todas tão diversas, tão únicas, emocionadas, curiosas, famintas por saber e conhecer mais!! Potentes, ainda que, e talvez principalmente por isso, em nossas fragilidades e inseguranças, expostas ali, com muita coragem!! Foi lindo de ver e sentir vocês todas. E tenham certeza, foi um prazer conhecê-las.

Meu trabalho nasceu quase que automaticamente ao me perceber ali, naquela roda e, claro, muito por meu atual momento, também. De alguma forma, desafiada a me olhar (por dentro e de dentro), me descobrir e renascer (por que não?), fora desse GRANDE conceito de MÃE que fui, sou e serei para sempre (com muito orgulho e prazer), mas sem a mesma urgência ou necessidade. Descobrir-me deste véu, desta pele materna, encontrar-me tem sido um desafio enorme! Mas é preciso! É isso, é hora de: PARIR-ME!!

Adelia Duarte

PARIR-ME



As palavras dão nomes com significados às coisas do mundo humano, como as ideias e os sentimentos. Às vezes elas surgem do nada, apenas como algo pensado, saindo, não se sabe de onde, dando sentido ao que se sente naquele momento. Foi dessa forma que emergiu a palavra CAOS, condensada no turbilhão que atualmente atravessa a minha existência. Ao meu CAOS conectei a palavra TEMPO, pois nada como o TEMPO para criar e recriar vida dentro do CAOS. Vida caótica em transformação, interna e externa, gerada pelas incertezas, dúvidas e descobertas.

CAOS e TEMPO, tudo que um bordado poderia me oferecer. Mas, a linha na agulha ganhou vida e forma no tecido, produzindo imagens cheias de significados, entrelaçadas de histórias, boa conversa, conhecimento e arte. Se fez tanto em tão pouco tempo. Silêncio!

Celia Maria Lira Jannuzzi

CAOS

CAOS



Tempo

celia

Participar deste projeto, “Palavra Bordada”, trouxe em mim um resgate de afetos e lembranças tão valorosos da minha infância e puberdade. Foi também uma conquista de crescimento interior ao estar reunida com mulheres que não conhecia e poder ouvir depoimentos lindos, que me levaram a questionamentos e consolos. Mulheres estas que se tornaram companheiras dessa roda que formou um manto de palavras que nos expressam no cotidiano de nossas vidas! À criadora do Projeto – Christine, nossa maestrina que nos conduziu nesta bela orquestra, a minha profunda gratidão, carinho e respeito, por nos direcionar com tanta educação e acolhimento. A palavra que escolhi bordar, INTEGRIDADE, é a expressão que sonho viver em meu País e que integra relacionamentos e convivências que se tornam íntegros: eternos!

Leila Natal Miguel

INTEGRIDADE



Mother's Day

Linda



Novembro: Foram apenas quatro encontros para a magia acontecer. Fase 1: Emoções despertadas, memórias e ancestralidades com cheirinho de café na fazenda. Senti-me como se o tempo regressasse para o aconchego da casa da vovó, meus pais e o pulsar do meu ventre germinando - uma flor: meu filho como assim sou filha de um ventre nascida numa pátria: A República.

Fase 2 - A produção: mulheres na roda começam a agulhar o tecido em produção do seu bordado livre e transbordando emoções em cada fiar; daí foi nascendo e transformando fios numa conexão que parecia cordão umbilical de particularidades e DNA misturados de sentimentos, paixões reprimidas em ebulição como um grande caldeirão de bruxas, cheios de feitiços e magias e tantas mulheres invisíveis, mas à frente de seu tempo. Saudamos todas elas nesse caldeirão de Lilith, Clotilde Devault, Frida Khalo, Violeta Carra, Athena, Aracne, Ariadne, Penelope, Carmem, Nair, Christine, Idália, Sara, Débora, Célia, Adália, Telma, Leila, Milene, Maria Alice, Graça, Beth, Andrea, Olívia, Ariana e eu Cristiane.

Fase 3: Tantos nomes, mas e eu, meu primeiro bordado de minha vida. E lá são meio século. Meu bordado fala do amor extraído da Ordem através da flor positivista que tive em minhas mãos e representa o símbolo da República sob minha releitura.

Fase 4: Bordei a flor positivista dentro de um útero de mulher representando o sagrado feminino. Em fios vermelhos bordei o corpo da mulher de perfil (seios e ventre grávido) por onde correm o sangue e também a parte vermelha da flor positivista. Pode-se dizer que é a linha tênue do amor, da dor, da traição, do resgate feminino, das paixões, frustrações, desejos, ilusões, desilusão, o sangue, as lutas internas e externas, a verdade no DNA, força, empoderamento e a independência da Mulher que gera frutos e pode parir o que quiser e ser feliz como quiser.

Cristiane Corrêa

A FLOR É O AMOR EXTRAÍDO DA ORDEM

A FLOR

ED OSMOR

EXTRAÍDO

EM

ORDEM

Sua vida
é a vida
do mundo



Fiz uma longa viagem nesse grupo. A abordagem histórica do bordado desde a origem do fio, passando pelas Deusas da Antiguidade até a contemporaneidade com Virgulino Lampião, Arthur Bispo do Rosário e Violeta Parra, entre outros, levaram-me para o novo, o desafio. Afinal, que fio seria esse que chegava até nós, um grupo de mulheres que se interessava pelo bordado? Quem sabe compunhamos uma trama que juntava arte, criatividade, sentimentos e histórias de vida que transbordavam sensibilidade? As palavras fluíam livres, supondo a cumplicidade existente. Corajosas, todas, até as que duvidavam disso, como a jovem mãe com seu bebê e sua mãe, vindas de longe! Subitamente o cenário do Museu Casa de Benjamin Constant me remeteu ao passado distante e à minha linha da vida. A amizade entre o dono da casa e o Marechal Rondon evocava a Amazônia do final do século XIX. Surge a rede indígena tecida com fios de tucum e varanda decorada com a plumagem colorida das aves, presente de Rondon pra a família de Benjamin. Hipnotizada pelo que parecia um bordado tive certeza que a intimidade dos moradores havia encostado na minha ancestralidade e no meu Presente! Na mochila a agulha e a linha aguardavam pelo movimento, pela partida. Sim, a chegada, encontrei a minha palavra a ser bordada! Foi uma longa viagem! CORAGEM.

Graça Ohana Pinto

CORAGEM

CORAGEM

PROTEJA

MEBADA



Mulheres poderosas.

Mulheres implacáveis.

Mulheres incansáveis.

Ao longo da história, as Liliths que habitam nosso inconsciente coletivo foram tomando cada vez mais força e forma, desbravando espaços para uma nova mulher.

Mulheres reunidas.

Mulheres sábias. Mulheres sofridas.

Costurar juntas nossas falas, nossos medos, nossos anseios. Bordar junto a outras mulheres! Que lugar maravilhoso esse!

Ao ouvir o chamado do Projeto Palavra Bordada, senti que era o momento de libertar o grito interno ao Mundo, transgredindo os parâmetros da arte com linhas.

A rosa aparece quando assumo meu nome, minha identidade, o feminino, a graciosidade, a libido. Tudo esteve lá, o tempo todo. Agora é tempo de florescer. Assumo quem sou, minha história, minha trajetória, meus desejos, incluindo minhas raízes.

Hoje eu escolho me ver de frente, reconhecendo com coragem minhas verdadeiras potências e habilidades.

Sou “livre, livre, livre...senhora das minhas vontades e dona de mim! E que venha essa nova mulher de dentro de mim”! (Uma nova mulher-canção de Simone)

Roselene Scop

LIVRE E DONA DE MIM

live live



edono

ROSELENE

500

O bordado sempre esteve presente na minha vida, e já virou parte do que sou. Não sei SER sem bordar.

Ter linha, agulha e tecido como elementos gráficos é o que conduz o meu caminhar.

O projeto Palavra Bordada me atravessou a alma de uma maneira que não sou mais a mesma. E aumentou minha fé no coletivo.

Foi difícil escolher uma palavra. Até me deparar com uma frase e tudo fez sentido.

Cabia todas nós. E tudo aconteceu cheio de magia e prazer.

O bordado como forma de oração.

Alzira Salles

ALGO INVISÍVEL VELA POR NÓS

ALGO
LUNAR SOL DIVINO
INVISIVEL INSPIRAÇÃO
MAR GERAR FLOR MAGIA
LIBERDADE VELA POR XANBÔ
LAR TENSÃO ALEGRIA AMOR
PERFENCER SER IDENTIDADE CARINHO
DESEJO

ASTÁZIA ENCONTRO FORÇA JANINE
TELMA ANDRÉA ANA SARA
DIBORA OLÍVIA ELIZABETH JANETE
SOUNGE ALZIRA NUTRIR ROSILENE
AMOR JUANINA CORAGEM IDALIA CHRISTIANE
MAREK FÉ JANETE LEILA PAZ OIA
CÉLIA MARIACRISTINA AXÉ
LILIANE MARIASERAPIMAS

ALZIRA SARA

A agulha fere o tecido e de ponto em ponto segue fazendo arte, entrelaçando fios com maestria. Nas mãos habilidosas, surge a magia que transforma simples tecidos em obras de beleza e encantamento. Cada costura é um gesto de amor, tecendo histórias e criando peças que carregam a essência do cuidado e da dedicação. A arte de bordar vai além do simples ato, revelando a expressão singular de quem molda o próprio universo com linha e agulha.

Edilamar Knipeel

É MELHOR TER MENOS TROVÕES NA
BOCA E MAIS RAIOS NAS MÃOS



É melhor ter menos trocoões

na boca e mais mãos

nas mãos

EDUARDO



Meu processo corresponde ao tempo ímpar que estou vivendo agora como uma virada de chave.

A escolha dessa palavra já pulsava no meu coração pois meus caminhos estão delineados pelas minhas escolhas. Ela [a palavra PLENA] é também meu recomeço todos os dias.

O projeto superou expectativas e merece um olhar significativo acerca da simplicidade das coisas: algo simples como o ato de bordar, mas o que é registrado é o que marca.

Por isso estou PLENA.

Maria Christina Barbieri Rodrigues

PLENA



MUSEU DA REPÚBLICA

DIRETORA SUBSTITUTA Ana Cecília Lima Sant'Ana

DIVISÃO TÉCNICA Livia Murer

DIVISÃO DE GESTÃO INTERNA Heitor Penchel

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E CULTURA Henrique Carvalho

PROJETO PALAVRA BORDADA

IDEALIZAÇÃO, COORDENAÇÃO E REALIZAÇÃO Christine Azzi

PALAVRA BORDADA - VOL. II

ORGANIZAÇÃO Christine Azzi

PREFÁCIO Mario Chagas, Elaine Carrilho

DIAGRAMAÇÃO E FOTOS Henrique Carvalho



Este livro foi lançado em 2024, no âmbito do 65º aniversário do Museu da República. Utiliza-se fonte Gentium Book, e diagramação no programa Adobe InDesign.



ISBN: 978-85-85732-45-5

CD



9 788585 732455



MINISTÉRIO DA
CULTURA

